

Com esta edição, *Ars* completa um ciclo anual de três volumes produzidos sob a pandemia de coronavírus, o primeiro deles tendo sido publicado em abril de 2020. Embora o surgimento de imunizantes em ritmo recorde sinalize a possibilidade de controle do curso devastador da doença, de abril para cá, como sabemos todos, as coisas só pioraram, com o crescimento exponencial do número de mortes e o agravamento das desigualdades entre ricos e pobres ao redor no mundo. Em meio ao cenário aterrador, e em condições extremamente adversas de trabalho, mais que nunca coube à publicação, por todos os meios, seguir aglutinando pessoas, oferecendo um espaço de encontro e circulação de ideias.

A despeito do impacto da situação, textos continuaram chegando à revista ao longo do ano, e por toda a parte notam-se sinais de inconformismo e disposição crítica, mormente nas universidades públicas brasileiras. No modesto *front* de intervenção de uma revista universitária de artes também foi possível sentir a pressão de energias de resistência e a vontade de confrontar os mais graves problemas do presente. Como ocorre desde 2018, a publicação tem buscado apresentar o campo de reflexão das artes plásticas em diálogo vivo com o cenário das artes em geral, reconhecendo naquele, ademais, relações constitutivas e vitais – não raro tensas – com o cenário mais amplo da cultura. Mesmo considerando a primazia que damos às artes visuais, no interior do próprio campo o foco é ampliado, indo da história da arte à crítica, à teoria e à estética, e trazendo, por certo, abordagens que ultrapassam em muito ou tensionam essas áreas tradicionais.

Os ensaios coligidos neste número contemplam uma constelação diversificada de interesses – da proposta de revisão de temas consagrados do modernismo, como a pintura de Manet, Anita Malfatti e Joan Ponç, à interlocução inquieta com uma geração de autores não europeus que desde os anos 1980 buscam dissecar premissas do legado colonial.

A edição de nº 40 inicia com *O Homem-Espiga*, em que Luiz Armando Bagolin chama a atenção para outras fontes – junto ao movimento expressionista, referência usual na abordagem de Anita Malfatti – a repercutirem no trabalho da artista, nos anos de aprendizado nos Estados Unidos e na Europa, em meados da década de 1910. Numa despreziosa e nem por isso menos atenta incursão pela história do modernismo, firmada na experiência de uma carreira longa de especialista independente, isto é, sem vínculos com o meio acadêmico, a jornalista Moyra Anne Ashford propõe uma interpretação heterodoxa de *Le déjeuner sur l'herbe*, uma das obras inaugurais do modernismo, no ensaio *Manet's 'coup de tête': The Secrets Hidden in Plain*

*Sight*. Outra iniciativa que revisita o modernismo é *Una vida entre la imagen y la letra: Joan Ponç en Brasil*, texto em que Margareth dos Santos rastreia a experiência brasileira (entre 1953 e 1962) do artista catalão ligado ao círculo de Joan Mirò e fortemente marcado pelo legado da vanguarda surrealista, reencontrando-o como tutor de jovens artistas no pequeno ateliê-escola que havia criado no bairro paulistano da Bela Vista.

Num empenho de reexame do papel renovador da crítica de arte brasileira do século XX – igualmente uma iniciativa de reexame do modernismo –, o texto *Museu da Solidariedade: a contribuição de Mário Pedrosa no exílio chileno*, de Luiza Mader Paladino, revê a confluência fascinante, na biografia do intelectual, da militância política democrática e do compromisso sempre reafirmado com a dimensão experimental da arte, lembrando que seu horizonte político de atuação já sinalizava a necessidade de confrontar a exclusão cultural de artistas e nações “não alinhados do Terceiro Mundo”.

Outra reflexão a indicar o interesse renovado em revisitar temas do modernismo é *Design e tipografia como elementos da expressividade da poesia de Augusto de Campos*, rica recapitulação da contribuição plástica e gráfica do poeta e ensaísta em que Tiago Santos, focalizando as invenções gráficas da poesia de Augusto de Campos, salienta o passo decisivo assinalado na obra na virada dos anos 1960, quando o poeta se afasta do tom programático precedente para investir-se do ânimo de crítica política e social do período. Santos sublinha a permanência do frescor inventivo da obra, que incorporando sempre as novas tecnologias disponíveis, inclusive as digitais, manteve a premissa concreta da franqueza construtiva da intervenção na dimensão material da linguagem.

Dentre os autores que interrogam a arte na condição contemporânea, o volume traz texto de Fernanda Albuquerque de Almeida em que, assinalando o interesse do artista pelas filosofias orientais, em especial, as figuras do nada e do silêncio, a autora sugere conexões sutis entre a aura existencial que marca os acontecimentos do corpo em Viola e aspectos da filosofia de Heidegger, Deleuze, e Kenji Nishitani. Igualmente tratando da produção contemporânea, *Ars* oferece o texto *As manifestações artísticas com o vídeo no contexto do Festival Videobrasil (1983-2001)*, de Thamara Venâncio de Almeida, que recapitula a importante contribuição de um evento pioneiro que se consolidou institucionalmente, sobretudo a partir dos anos 1990, quando Solange Farkas, sua idealizadora e curadora, estabeleceu parceria com o SESC-SP, na divulgação e renovação da imagem eletrônica no meio artístico brasileiro.

Quatro outros textos reunidos nesta edição voltam-se a problemas contemporâneos, mas agora a partir de um foco cultural abrangente. O primeiro, *Recepção como elo da obra de arte com o mundo e com a história*, de Diogo de Morais Silva, o autor focaliza particularmente a centralidade que o público de exposições adquire no cenário contemporâneo, influenciando nos rumos tomados pela arte, não obstante seu anonimato e natureza instável. Na sequência, o texto *Técnica, arte e dispersão*, de Marta Castello Branco, discute como a dispersão – que a autora toma tanto em sua dimensão tópica, como fenômeno psíquico, quanto geográfico, de natureza social e antropológica – tornou-se um movimento marcante na vida contemporânea e que, no terreno da arte, pode apontar vias criativas e regeneradoras, que valorizam práticas solidárias e restituem à sociedade contemporânea um esgarçado sentido de coletividade.

*Paradigma periódico na arte: a comunidade da escritura*, de Paula Alzugaray, recapitula práticas artísticas e culturais contemporâneas de natureza coletiva, que compartilham entre si um horizonte de intervenção social e política. Associando referências diversas, Alzugaray argumenta a favor de um “paradigma periódico”, projeto comum de articulação de ideias que terá sido capaz de construir um senso de comunidade entre os diversos agentes envolvidos. No último texto dessa série, *Apropriação e apagamento como processos artísticos: uma análise comparativa de Tree of Codes*, de Jonathan Safran Foer, Luciana Lischewski Mattar e Renata Takatu analisam a obra literária do escritor norte-americano, criada exclusivamente mediante o apagamento de trechos e palavras do livro *Street of Crocodiles* (em português, *Lojas de canela e outras narrativas*), do polonês Bruno Schulz. As autoras estabelecem pontes entre aquele recurso na tradição literária e nas artes visuais (sobretudo na obra *Erased de Kooning Drawing*, de Robert Rauschenberg) e refletem sobre as conexões que esse recurso sugere com o espaço de experimentação do livro de artista.

*O direito de olhar a partir de Foucault, Spivak e Mbembe*, de Marcos Namba Beccari, enfeixa o conjunto de textos inéditos apresentados nesta edição de *Ars*; o autor propõe um diálogo estimulante com Gayatri Spivak e Achille Mbembe, representantes da geração de intelectuais não europeus que desde os anos 1980 vêm propondo uma revisão radical de premissas centrais da tradição iluminista, da qual ademais as ciências sociais no Ocidente ainda guardam premissas centrais. Beccari recorre a Foucault para debater com Spivak e Mbembe, levando em conta, decerto, tratar-se de autor caro a ambos. Resgata, enfim, a atualidade do trabalho do filósofo francês para desconstruir premissas centrais do humanismo clássico – não

por acaso, sublinhando a atenção implacável que Foucault dedica às ideias de visibilidade e invisibilidade – e sugere que muito das reservas que aqueles intelectuais manifestam à crítica foucaultiana do legado do iluminismo na verdade pressupõem-na, mais do que a descartam. Na histórica seção de traduções, em que desde sua criação a revista busca oferecer textos de difícil acesso ao leitor brasileiro, Alexandre Wahrhaftig e Eduardo Chatagnier nos convidam à leitura de *O cinema do agora - sinais de vida: uma carta de Apichatpong Weerasethakul*.

Cabe por último dizer que esta edição de *Ars* traz, também, algumas novidades. Com o apoio decisivo da jovem artista Nina Lins, propomos aos leitores um novo projeto e desenho gráfico para a revista, cujo formato exclusivamente digital adotado desde 2018 há muito solicitava sua completa reconfiguração. O processo de mudança se dará aos poucos, conforme um leque de possibilidades a serem pacientemente propostas por Nina e testadas pelo público. Outras mudanças promissoras marcaram a revista neste ano, não obstante as tantas dificuldades que também se apresentaram: além de Nina, a equipe da revista passou a contar com Leonardo Nones, doutorando do PPGAV que doravante assume a comunicação institucional da *Ars*. Os dois novos colaboradores se associam, dessa maneira, ao trabalho fundador da assistente editorial Lara Rivetti, também doutoranda do Programa, graças a quem a publicação firmou, desde 2018, novos processos de gestão institucional e administrativa. Esta edição assinala, além disso, a ampliação de nosso corpo editorial, ao qual doravante se associam os artistas Claudio Mubarac e Dora Longo Bahia, professores do Departamento de Artes Plásticas e do PPGAV da ECA-USP.

O ensaio visual que a artista Ana Linnemann produziu especialmente para esta edição da *Ars* comenta, com sutileza, humor e resiliência, a tensão extrema que marca a atualidade brasileira, imersa em grave crise política, social e sanitária. Finalizamos este editorial agradecendo a colaboração da artista. Agradecemos, igualmente, aos jovens autores que se inscreveram no Edital *Diálogos com a graduação* – os textos contemplados em 2020 começarão a ser publicados na edição de abril de 2021. Lembramos que o projeto foi iniciado em 2019, voltando-se a estudantes de graduação interessados em seguir a carreira teórica e oferecendo as páginas da revista a textos resultantes de projetos de pesquisa acadêmica. Por fim, convidamos os leitores a divulgarem entre seus pares e alunos de pós-graduação a chamada pública, disponível ao final deste número, para os textos que integrarão a edição especial da *Ars* de agosto de 2021, que sob o título *Histórias da arte sem lugar* propõe discutir os impasses e perspectivas da disciplina na atualidade.